PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

Câmara foca em projetos para empresas. Pág. A10

ELIANE CANTANHÊDE

E-MAIL: ELIANE.CANTANHEDE@ESTADAO.COM
TWITTER: @ECANTANHEDE
ELIANE CANTANHÊDE ESCREVE ÀS TERÇAS E SEXTAS-FEIRAS E AOS DOMINGOS

Coisa de doido

Enquanto o ministro Luiz Henrique Mandetta contrariava a percepção geral e chamava o presidente de "grande timoneiro" da reação ao coronavírus, indiretamente comparando Jair Bolsonaro a Mao Tsé-Tung na revolução cultural chinesa, o deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) dava mais uma canelada infantil, mas doída, na China, principal parceiro comercial do Brasil. Ao falar da pandemia, o "03" acusou que "a culpa é da China".

Assim, o deputado piorou ainda mais as coisas não só para o papai, que não anda nos seus melhores dias, mas principalmente para o Brasil, que está parado, com Bolsas derretendo, dólar disparando, as pessoas trancadas em casa, os shoppings, academias, bares e restaurantes fechados e as empresas em sistema de "home office", num ambiente internacional de tragédia. O pai Jair demorou a compreender e se interessar por essa chatice chamada realidade. E o filhote Eduardo ainda está no mundo da lua.

"Quem assistiu Chernobyl vai entender o que ocorreu. Substitua a usina nuclear pelo coronavírus e a ditadura soviética pela chinesa", sugeriu o ex-quase embaixador do Brasil em Washington e atual presidente da Comissão de Relações Exteriores da Câmara, papagaiando o que o ídolo Donald Trump diz nos Estados Unidos. E não é que bolsonaristas e terraplanistas compram fácil, fácil, essa versão do complô chinês para devastar o mundo? Coisa de doido.

Pouco diplomático, vá lá, mas com boa dose de razão, o embaixador chinês em Brasília reagiu e não dourou a pílula. Classificou as palavras do deputado de "extremamente irresponsáveis" e matou dois coelhos com uma cajadada só, ao dizer que o filho do presidente, "ao voltar de Miami, contraiu um vírus mental que está infectando a amizade entre nossos povos".

> **País parado e o vírus matando pessoas e empresas. É hora de o '03' chutar a China?**

Se fosse fato isolado, já seria grave, mas é mais grave ainda com o Brasil precisando preservar cada tostão e cada parceiro, e porque não foi uma novidade. A birra dos Bolsonaro com o país asiático vem de longe. Desde a campanha, Jair Bolsonaro e o depois chanceler Ernesto Araújo atacavam e ironizavam a China. Essa China que, no primeiro ano do governo, comprou US$ 65,4 bilhões do Brasil, é vital para o agronegócio e a balança comercial brasileira.

Por tudo isso, a reação contra a manifestação do "03" e a favor da parceria com a China se espalhou como vírus. O presidente da Câmara, Rodrigo Maia, pediu desculpas aos chineses pela instituição. O interino do Senado, Antonio Anastasia, apresentou "respeito, solidariedade e desculpas", em nome da Casa. O governador João Doria classificou de "lamentável e irresponsável" o post do deputado. A bancada ruralista, que é (ou era?) bolsonarista, deu um pulo.

No fim, até o vice Hamilton Mourão se meteu, ao declarar que o deputado não representa o governo e sua fala só teve essa enorme repercussão pelo sobrenome de Sua Excelência. Cá entre nós, não é a primeira vez que generais do governo têm de apagar incêndios criados pelos Bolsonaro com a China. O próprio Mourão e o chefe do GSI, Augusto Heleno, agora contaminado pela covid-19, já estão calejados.

Quem entrou na contramão, cobrando retratação não do autor da pancada, mas de quem revidou? Ora, ora, o chanceler Araujo, que acusou o embaixador chinês de "ferir a boa prática diplomática". Será que foi da própria cabeça? Ou ele recebeu ordens do presidente? É essa pergunta que não quer calar entre diplomatas brasileiros, estupefatos.

Isso tudo, gente, quando o vírus já contaminava centenas de brasileiros e adentrava os Poderes da República, os mortos já somavam sete, os panelaços de protesto ainda ecoavam nas cidades e nos ouvidos palacianos e o risco de quebradeira de empresas e de perda de empregos apavorava o País inteiro. É ou não coisa de louco?

ENTREVISTA

Oliver Stuenkel, coordenador da pós-graduação em relações internacionais da FGV-SP

'Estratégia é a de entreter seguidores e desviar o foco'

DANIEL TEIXEIRA/ESTADÃO - 26/6/2019

China. Para Stuenkel, declaração de Eduardo reflete alinhamento ideológico com Trump

Família do presidente atua para manter 'núcleo duro bolsonarista' mobilizado e evitar assuntos 'não confortáveis', diz analista

Adriana Ferraz

Pesquisador da política externa do Brasil e da China, o coordenador da pós-graduação em relações internacionais da FGV-SP, Oliver Stuenkel, avaliou a declaração do deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) sobre a origem do coronavírus como estratégia para "entreter seguidores" e manter mobilizado "o núcleo duro do bolsonarismo".

● **A declaração de Eduardo Bolsonaro tem potencial para virar uma crise diplomática?**

A declaração repercutiu no debate público chinês, isso é fato. Lá, há uma percepção de que esse tipo de posição faz parte de um racismo, de uma tentativa de se criar um estigma contra o povo. Há preocupação de que cidadãos chineses que vivem no exterior possam sofrer ataques em função da pandemia. Eles temem que esse preconceito contra a China, sempre latente, ganhe força. Mas não acredito que esse comentário, apesar de ter partido do filho do presidente, possa provocar uma crise diplomática. A resposta do embaixador chinês é preocupante porque foi dura, mas simbólica, porque mostra que a China está mais combativa.

● **Essa postura de Eduardo visa a um alinhamento com os EUA?**

A retórica anti-China é relevante para os Estados Unidos. Vale lembrar que um dos pedidos do presidente Donald Trump a Jair Bolsonaro é que o Brasil faça mais para limitar a influência da China na América do Sul. Mas é claro que não basta esse comentário do Eduardo. O que os Estados Unidos querem são posturas mais duras do Brasil em relação à China, como não permitir a entrada da Huawei no leilão do 5G. Mas, certamente, cria um inimigo em comum, o que pode ser muito importante nas próximas semanas, que serão muito difíceis em função do coronavírus. Trump também desvia a atenção da população à resposta do governo diante da pandemia e foca em teorias da conspiração, que são muito mais prevalentes entre a população brasileira do que parece. Com isso, Bolsonaro ainda mobiliza seus seguidores mais radicais.

● **No que mais os governos Trump e Bolsonaro se aproximam nessa crise?**

Tanto Trump como Bolsonaro tentam politizar a crise, abordando assuntos que não necessariamente têm relação com ações de combate ao vírus. Outro ponto em comum é que Trump também não segue à risca as orientações de sua própria equipe. Vamos combinar que chamar o vírus de "chinavírus" não ajuda na estratégia americana de proteger a população. É a mesma contradição que notamos no Brasil. Um dia Bolsonaro discursa de acordo com especialistas, no outro diz alguma coisa que é menos alinhada. A diferença que é existe percepção clara da ala econômica de que a conduta de Bolsonaro assusta investidores.

● **A estratégia de Bolsonaro, de desviar o foco do debate, tem qual objetivo?**

É uma estratégia muito clara, de reduzir as discussões sobre temas não confortáveis ao governo. Às vezes, isso ocorre até para preencher um espaço que se abre no debate público, não apenas para desviar o foco de um assunto que precisa ser evitado, mas para somente entreter seus seguidores. Então, se ofende uma autoridade ou se faz algo inédito. Oferecer essa diversão é importante. A intenção é evitar uma desmobilização do núcleo duro do bolsonarismo. Acho que o comentário do Eduardo faz parte disso. Ele foi criticado por muita gente, mas encontrou respaldo até mesmo entre moderados.

● **Infectado**

O presidente da Apex, Sérgio Segovia, recebeu diagnóstivo positivo para coronavírus ontem. É o 18º caso entre quem estava na comitiva presidencial.

BASTIDORES: *Tânia Monteiro e Jussara Soares*

Após protestos, Bolsonaro tenta modular discurso

Aconselhado pelo núcleo militar do governo a adotar um estilo mais conciliador diante do avanço do coronavírus, o presidente Jair Bolsonaro vive um dilema. Ao mesmo tempo em que os generais querem que Bolsonaro recorra a uma estratégia de menos confronto e se concentre no combate ao inimigo invisível, a ala ideológica do governo mantém a pressão para que ele intensifique a ofensiva contra a imprensa, o Congresso e o Supremo Tribunal Federal.

Os panelaços dos últimos dias viraram um divisor de águas para o presidente, que, a partir de agora, passa a contar com forte oposição. Na tentativa de reverter o desgaste de sua imagem, Bolsonaro tem como meta anunciar todo dia várias medidas, não só sociais como econômicas, para debelar a crise.

A avaliação no Planalto é a de que o presidente perdeu tempo e capital político ao ignorar a pandemia e dizer que tudo não passava de uma "fantasia" superdimensionada. Agora, precisa sair das cordas e dar respostas rápidas à população.

Em transmissão ao vivo pela internet, Bolsonaro disse ontem que a situação estará normalizada em "seis ou sete meses". Na busca de estratégias para recuperar o apoio perdido, ele fará novo "tour" por programas populares. Na noite de hoje, por exemplo, participará do "Programa do Ratinho", no SBT.

Enquanto isso, discípulos do escritor Olavo de Carvalho, guru do bolsonarismo, avaliam que Bolsonaro está enfraquecido porque só ouve generais. "Eleito para derrubar o sistema, Bolsonaro, aconselhado por generais e políticos medrosos, preferiu adaptar-se a ele. Suicídio", escreveu o guru no Facebook, na quarta-feira.

Ao contrário de outras vezes, nas quais o presidente encontrou respaldo nas redes sociais, desta vez sua conduta continua provocando ácidas críticas. Na percepção do próprio Planalto, o momento não é de procurar culpados, mas, sim, de encontrar soluções. Há quem compare a atual situação à queda abrupta de popularidade da então presidente Dilma Rousseff, que, em 2015, perdeu cerca de 40 pontos porcentuais no intervalo de um mês. Menos de um ano depois, ela sofreu impeachment.

Panelaços ocorrem até onde Bolsonaro teve 80% dos votos

Segundo analista, público que protesta contra presidente é a mesma classe média que pediu saída de Dilma

Matheus Lara

Em crise diante da pandemia do coronavírus, o governo de Jair Bolsonaro passou a ser alvo de "panelaços" até em regiões que garantiram ao presidente 80% dos votos no 2.º turno contra Fernando Haddad (PT) em 2018. Anteontem, os atos foram registrados em 22 capitais.

O **Estado** cruzou dados de seu mapa hiperlocal dos resultados das eleições, lançado há dois anos, com as regiões onde foram registrados panelaços contra o presidente em São Paulo e no Rio. Na capital paulista, uma das regiões em que os protestos foram ouvidos foi o bairro do Morumbi, onde as urnas chegaram a registrar 80,4% dos votos válidos para Bolsonaro. Moema (onde o então candidato do PSL levou 76,8% dos votos), Jardins (75,2%), Vila Romana (74,8%) e Santana (74,7%) também registraram panelaços.

● **Terceiro dia**

Moradores de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Fortaleza fizeram, ontem, pelo terceiro dia, panelaço contra Jair Bolsonaro. Houve também aplausos a profissionais de saúde.

"Boa parte de quem saiu a bater panela foi a mesma classe média que bateu panela contra a ex-presidente Dilma Rousseff (*PT*)", disse o cientista político Marco Konopacki, pesquisador do Instituto de Tecnologia e Sociedade e da New York University. "Essa classe média é sensível à expectativa econômica. O somatório de um PIB pequeno, com derretimento da bolsa brasileira e o dólar batendo R$ 5,20, foi disruptivo para o voto de confiança que eles depositavam no governo até então."

ALEX SILVA/ESTADÃO

Manifestação. Morador bate panela no centro de São Paulo

No Rio, o cenário é parecido. Bolsonaro teve mais de 60% da preferência dos eleitores de bairros como Ipanema (67,3% contra 32,7% de Haddad) e Freguesia, Jacarepaguá (61,6%), mas foi alvo de protestos anteontem à noite nesses locais.

Bairros onde as urnas registraram vitória mais apertada para Bolsonaro também aparecem na lista das regiões em que moradores fizeram barulho contra o presidente. É o caso de Butantã, onde algumas zonas eleitorais registraram 50,4% dos votos para Bolsonaro, e Santa Cecília (57,2%). No Rio, foi assim em Grajaú (52,9%) e Jardim Botânico (54,7%).

Santo Amaro, em São Paulo, e Laranjeiras, no Rio, foram bairros que registraram atos contra Bolsonaro, mas que em 2018 mostraram vitória do candidato petista em algumas zonas.

Enfraquecimento. Para cientistas políticos ouvidos pelo **Estado**, os panelaços são um sinal de que Bolsonaro enfraqueceu sua própria narrativa e que adversários já aproveitam a crise para se manifestar. Após o domingo, em que atos pró-governo aconteceram nas ruas do País, grupos contrários a Bolsonaro convocaram os panelaços pelas redes sociais.

Também anteontem, durante entrevista coletiva em Brasília, Bolsonaro disse que panelaços são um movimento "espontâneo" e "expressão da democracia". Ele deu publicidade a um ato convocado para defender o governo que foi registrado em oito capitais.

pressreader PRINTED AND DISTRIBUTED BY PRESSREADER PressReader.com +1 604 278 4604 COPYRIGHT AND PROTECTED BY APPLICABLE LAW